

A esterilidade, perto do fim



Cientistas do Instituto Nacional de Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano, dos Estados Unidos, anunciaram um novo método para conseguir a fertilização em mulheres com obstrução das trompas de Falópiao, a causa mais frequente de esterilidade feminina. James Sidbury, diretor do Instituto, e Gary Hodgen consideraram o novo mé-

todo uma "inovação significativa", capaz de representar uma alternativa à fertilização fora do corpo humano. Cinco das experiências realizadas com macacas, obtiveram pleno êxito; o método deverá ainda ser submetido a dois anos de testes em animais, a fim de verificar sua segurança e eficácia, antes de poder ser aplicado em seres humanos. Os dois cientistas declararam que poderia ser realizado na maioria dos hospitais universitários.

O processo foi denominado "transferência de óvulo para a parte inferior das trompas": é a remoção de um óvulo, que é retirado de um folículo maduro, no ovário, por meio de uma agulha oca, e posteriormente inserido na parte inferior das trompas, a dois centímetros ou menos de sua junção com o útero. Antes da inserção, a célula é rapidamente examinada num microscópio, a fim de verificar se contém um óvulo bem constituído e maduro. Nas experiências com animais, o óvulo foi recolocado no orga-

nismo da fêmea dentro de três a cinco minutos. No caso de seres humanos, a fecundação ocorreria, então, através de relações sexuais normais.

Nas experiências feitas nos últimos seis meses, depois de dois anos e meio de pesquisas, conseguiu-se obter a gravidez da fêmea, em cerca de 18% dos casos. Gary Hodgen declarou que espera obter um índice superior, para seres humanos, sendo este um dos motivos para novas pesquisas. Os cientistas lembraram que a probabilidade normal de gravidez, em seres humanos, é de 15 a 20% em cada ciclo menstrual. O resultado obtido nessas experiências com animais é bem superior ao das experiências de fertilização humana em laboratório, fora do corpo humano.

Uma das vantagens do novo método é que a gravidez é obtida em condições muito mais próximas do normal, do que no caso da fertilização em "prova", método pelo qual o óvulo é fecundado num meio de cultura, onde se desenvolve por várias horas ou mesmo dias, antes de ser reimplantado no corpo humano.

Do ponto de vista ético, o novo método evita o problema de escolher entre diversos óvulos já fecundados e eliminar alguns deles. Por outro lado, como, nesse método, a fecundação ocorre *in vivo*, ou seja, dentro do corpo da mulher, não haveria possibilidade de descobrir e eliminar um óvulo que apresentasse problemas imediatamente após a fertilização.

As pesquisas foram realizadas por uma equipe chefiada por Gary Hodgen e por Olivier Kreitman, ginecologista francês ligado ao Instituto, e serão publicadas, em breve, em revistas especializadas. Segundo os cientistas, o programa de pesquisas permitiu um estudo aprofundado de alguns aspectos específicos do processo de fecundação,

além de sua potencialidade para tratamento de um dos mais freqüentes problemas de esterilidade.

Os cientistas declararam desconhecer outros programas visando a tratar do problema de obstrução das trompas, por técnicas análogas. Foram realizadas algumas tentativas de implantar o óvulo no próprio útero, mas sem sucesso, pois as condições químicas e físicas do óvulo, nesse caso, são muito diferentes das normais.

Segundo Hodgen, o aspecto essencial do novo método consiste em acompanhar o amadurecimento de um folículo do ovário, a fim de fazer a transferência do óvulo no momento ótimo. Nas experiências com animais, isto foi feito observando o estado hormonal da fêmea e examinando periodicamente o próprio folículo, através de uma fibra ótica finíssima, inserida no organismo.

Um dos possíveis problemas desse método, que será cuidadosamente controlado nas pesquisas ulteriores com animais, é o risco de provocar uma gravidez tubária, o que pode causar o rompimento da trompa. Os cientistas declararam que não ocorreu nenhum problema desse tipo, mas que desejam aprofundar as experiências a fim de determinar se existiria tal risco.

Outra questão é saber quantas das mulheres que têm as trompas bloqueadas ainda têm os últimos um ou dois centímetros abertos, a fim de poder realizar a transferência. Não há estatísticas precisas sobre isso, embora se calcule que pelo menos meio milhão de mulheres, só nos Estados Unidos, sofrem de obstrução tubária total ou parcial. Nesses casos, embora a ovulação normal, o esperma masculino não consiga chegar ao óvulo, resultando daí a esterilidade. Nas experiências com macacas, as trompas haviam sido obstruídas cirurgicamente, deixando aberta a parte inferior. (Harold M. Schmeck Jr)